

# Considerações sobre o conceito de trabalho imaterial

Sílvia Camargo<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo pretendemos mostrar e problematizar a categoria do trabalho imaterial, considerando que esta categoria tem se mostrado como historicamente central para a produção da riqueza capitalista e acumulação do capital ao longo, aproximadamente, dos últimos trinta anos. A hipótese do trabalho imaterial como central para o presente momento histórico está, ao mesmo tempo, ligada as transformações da subjetividade, principalmente quanto ao papel do consumo. Neste sentido nós investigamos algumas questões postuladas por Antonio Negri, André Gorz e outros. Em nossa hipótese de trabalho os conceitos de capitalismo cognitivo e trabalho imaterial estão entrelaçados, refletindo um novo estágio na história do capitalismo.

**Palavras-chave:** Trabalho imaterial; capitalismo; conhecimento; subjetividade.

## Considerations about the concept of immaterial labor

**Abstract:** In this article we intend to show as well as query the immaterial labor category, considering that such category has shown itself as historically central for the production process of capitalist wealth and capital accumulation in the last thirty years, approximately. The hypothesis of immaterial labor as central for the present historical context is, at the same time, linked with the subjectivity transformations, principally in the form of consumer role. In this sense we have investigated some issues that postulated for Antonio Negri, André Gorz and others. In our hypothesis of work, the concepts of cognitive capitalism and immaterial labor are entwined, reflecting a new stage of capitalism history.

**Keywords:** Immaterial labor; capitalism; knowledge; subjectivity.

## Introdução

As transformações pelas quais tem passado o capitalismo mundial ao longo dos últimos trinta anos já recebeu inúmeras designações durante este período histórico. Sociedade de consumo (BAUDRILLARD, 1975), sociedade em rede (CASTELLS, 2006), sociedade da

---

<sup>1</sup> É Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1994), Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (2001) e Doutor em Sociologia pela mesma universidade (2009). Atua como docente e pesquisador no Departamento de Sociologia/IFCH da UNICAMP. E-mail: silviocc@terra.com.br

informação (LÉVY, 2007), sociedade pós-industrial (BELL, 1999), entre outras. No centro de tais designações se coloca o problema relativo ao esgotamento da modernidade, da sociedade industrial e do chamado paradigma do trabalho. O termo globalização também surgiu como tentativa de explicação de um conjunto de transformações em curso na sociedade contemporânea, que recentemente têm sido passível de uma série de interpretações quanto a um de seus fenômenos centrais, a financeirização do capital. Uma das tentativas mais frutíferas de entendimento deste processo histórico se encontra na tese do advento do trabalho imaterial e do capitalismo cognitivo (GORZ, 2005; LAZZARATO e NEGRI, 2001; MOULIER-BOUTANG, 2007; CORSANI, LAZZARATO E NEGRI, 1996; VERCELLONE, 2004).

De um modo geral, as várias interpretações acerca das transformações em curso no capitalismo mundial confluem para o entendimento de que a partir de meados da década de 1970 ocorreram mudanças na estrutura do capitalismo industrial que aponta para seu próprio esgotamento. Daniel Bell [1973(1999)] foi um dos primeiros a defender a ideia de um capitalismo pós-industrial, no qual serviços e conhecimento assumiam um papel preponderante em detrimento do trabalho industrial cristalizado no modelo fordista de organização do trabalho. A partir de então foi amadurecendo um debate na sociologia contemporânea, com forte expressão na sociologia do trabalho, quanto à centralidade ou não centralidade do trabalho como categoria fundamental da sociabilidade humana, gerando um debate que parece distante de ser esgotado. É possível identificarmos, de um lado, autores atualmente influentes como Lukács (1980) e Mészáros (2006) como representativos e referenciais para a tese da centralidade do trabalho, e por outro, autores que desde a década de 1980 se aliam com a tese contrária, como Offe (1984), Habermas (1987) e Gorz (2003).

Ainda na década de 1970 Jürgen Habermas passou a ter um papel central neste debate. A sua teoria da ação comunicativa pretende uma reconstrução do materialismo histórico onde o papel do trabalho na evolução da espécie humana assume uma conotação completamente diferenciada em relação à tradição marxiana, possibilitando a passagem para aquilo que o próprio Habermas chamava de *Linguistic turn*, a passagem do modelo produtivista para um modelo comunicativo de sociedade. Habermas não esteve sozinho neste empreendimento, foi acompanhado por autores como Claus Offe (1984) e André Gorz (1985), sem falarmos de certa oposição bastante ampla ao materialismo histórico que caracteriza este momento histórico das ciências sociais, como é o caso dos autores afinados ao pós-estruturalismo francês (CAMARGO, 2006a, p. 84).

O debate entre produtivistas e não produtivistas aprofundou-se ao longo da década de 1980 e aqui no Brasil ainda ecoa fortemente<sup>2</sup>. Não devemos esquecer que este debate esteve em parte associado à questão da modernidade e pós-modernidade, para muitos hoje considerado um tema já esgotado (passados trinta anos da publicação do célebre livro de Lyotard),<sup>3</sup> bem como ao surgimento das discussões em torno aos novos movimentos sociais, o multiculturalismo, a relação entre identidade e diferença e mais recentemente o tema do reconhecimento, configurando um conjunto de ideias que se associam a con-signa de concepções pós-socialistas.

A ideia de fim da sociedade do trabalho ou do esgotamento do paradigma da produção em Habermas e Offe encontrará alguma similaridade com as tentativas recentes de teorizar a noção de trabalho imaterial. A semelhança entre Habermas e Gorz, por exemplo, é bastante evidente, na medida em que os dois pensadores compartilham de uma teoria bidimensional de sociedade, consubstanciada na ideia de que há duas formas básicas de racionalidade que coabitam as formas de sociabilidade moderna. O ponto de alinhamento maior, entretanto, está no fato de que tanto para Habermas e Offe, como para os teóricos do imaterial, *a teoria de valor-trabalho de Marx deixou de ser o aspecto principal de crítica e compreensão da sociedade capitalista moderna*. Além disso, também se aproximam ao considerarem que a noção de intersubjetividade passou a ocupar um lugar fundamental para a interpretação da sociedade contemporânea.

Para os teóricos do trabalho imaterial estaria neste conceito do *imaterial* a nova base de produção da riqueza capitalista, de modo que compreendê-lo passou a ser uma tarefa teórica imprescindível para aqueles que buscam também compreender as atuais mutações do capitalismo mundial. A similaridade entre um influente pensador como Habermas e os proponentes do imaterial se coloca, cabe enfatizar, tão somente em alguns aspectos precisos quanto ao entendimento da categoria trabalho, pois o campo de investigação acerca do imaterial possibilitou o surgimento de posições teóricas bastante distintas quanto à

---

<sup>2</sup> A expressão “produtivistas” deriva em grande medida da tese habermasiana (HABERMAS, 1998, p. 81) sobre o “envelhecimento do paradigma da produção”, que corresponde ao que acima denominamos defensores da centralidade do trabalho. O referido debate possui diferentes nuances, e nem sempre colocado como um “debate” explícito, e tem no Brasil, apenas para exemplificarmos, Ricardo Antunes, Sergio Lessa e Ruy Braga como importantes defensores do chamado modelo produtivista, e por outro, teóricos inseridos de algum modo na tradição habermasiana, como José Maurício Domingues, Leonardo Avritzer, Sergio Costa e Josué Pereira da Silva, ou ao pós-estruturalismo, como Giuseppe Cocco.

<sup>3</sup> Refiro-me ao livro *A Condição Pós-Moderna* [1979 (1990)].

compreensão das transformações em curso na sociedade contemporânea. Tais concepções, quanto a seus fundamentos epistemológicos e normativos em pouco se aproximam da teoria da ação comunicativa habermasiana.

O debate sobre o trabalho imaterial possui como principais referências teóricas André Gorz, Antonio Negri e Maurizio Lazzarato. André Gorz possui uma longa e polêmica contribuição para a teoria social e para a sociologia do trabalho<sup>4</sup>, sendo que sua última obra *O Imaterial* (2005) é um dos pontos de partida para aqueles que pretendem compreender o que é o trabalho imaterial<sup>5</sup>. Já Lazzarato e Negri (2001) pertencem à outra tradição de pensamento que teve início com o operismo italiano e atualmente incorpora uma forte influência do pós-estruturalismo francês. Estes dois autores exercem uma forte influência na revista *Multitudes*<sup>6</sup>, e às suas ideias se somam pensadores como Moulier-Boutang (2007), Carlo Vercellone (2007) e no Brasil Giuseppe Cocco (2000).

Enquanto o sociólogo norte-americano Daniel Bell, em meados da década de 1970, propunha o esgotamento do modelo marxiano, em um campo ideológico oposto ao dele se desenvolveram teses similares, defendidas por Antonio Negri e André Gorz, que apesar das inúmeras distinções entre suas formas de conceber a sociedade e a política possuem em comum a tematização do trabalho imaterial. Os teóricos do trabalho imaterial desenvolvem argumentos similares àqueles que abordam a sociedade pós-industrial, ou seja, a tese do esgotamento do modelo fordista de produção e o papel significativo ocupado pelos serviços na dinâmica capitalista. As noções de pós-fordismo (HARVEY, 1993) ou toyotismo (ANTUNES, 2001) seriam, entretanto, insuficientes para caracterizar o entendimento que eles expressam sobre o novo momento do capitalismo, na medida em que as transformações por eles apontadas se referem a uma efetiva mudança de paradigma quanto ao modo de produção capitalista (MOULIER-BOUTANG, 2007, p. 87), sendo tais mudanças concebidas como algo mais do que uma

---

<sup>4</sup> Uma visão ampla sobre a obra de Gorz encontra-se na coletânea: SILVA, Josué Pereira da e RODRIGUES, Iran Iácome (orgs). *André Gorz e seus críticos*. São Paulo: Annablume: 2006.

<sup>5</sup> Este ensaio foi originalmente escrito antes da publicação do pequeno livro de Gorz "Ecológica" lançado em português também pela editora Annablume em janeiro de 2011.

<sup>6</sup> Considerados por alguns como herdeiros do operismo italiano, importante corrente política marxista das décadas de 1950 e 1960, e que foram antes colaboradores da revista *Futur Antérieur*, Negri, Lazzarato, Hardt e Moulier-Boutang, publicam regularmente no periódico francês *Multitudes*, provavelmente a principal referência hoje no mundo quanto a uma reflexão constante sobre trabalho imaterial e capitalismo cognitivo.

alteração do regime de acumulação, mas tratando-se, até mesmo, de uma mudança substantiva quanto ao próprio modo de produção.

A definição de trabalho imaterial não é algo simples e conduz facilmente a enganos. O trabalho imaterial, em uma definição preliminar, não se reduz apenas aos serviços, como muitos tendem a assimilá-lo, mas se refere a todas aquelas atividades que possuem como característica fundamental o uso do conhecimento, além da cooperação e da comunicação (CAMARGO, 2011). O uso do intelecto, que os teóricos do imaterial remetem ao conceito marxiano de *general intellect* (MARX, 1989, p. 708) tornaria possível apreendermos a noção de imaterial como algo em que a subjetividade é ela mesma produtiva. Deste modo, o conceito de imaterial se refere diretamente ao entendimento de que na sociedade contemporânea houve uma modificação no papel da subjetividade dentro da produção capitalista.

O trabalho imaterial se refere ao conjunto de atividades que adquirem um crescimento vertiginoso na chamada *new economy*, isto é, as atividades que envolvem a publicidade, o marketing e a comunicação. Tais atividades se referem à concepção de que no pós-fordismo as relações de produção se alteraram radicalmente, de modo que as características da grande indústria estão sendo crescentemente substituídas por outras, mudanças tão radicais que alterariam a própria forma de conceituarmos o capitalismo. Conforme Lazzarato e Negri:

Em resumo, podemos distinguir três tipos de trabalho imaterial que impulsionam o setor de serviços, no topo da economia informacional. O primeiro está envolvido numa produção industrial que foi informacionalizada e incorporou tecnologia de comunicação de um modo que transforma o próprio processo de produção. A atividade fabril é vista como serviço e o trabalho material da produção de bens duráveis mistura-se com o trabalho imaterial e se inclina na direção dele. O segundo é o trabalho imaterial de tarefas analíticas e simbólicas, que se divide na manipulação inteligente e criativa de um lado e nos trabalhos simbólicos de rotina de outro. Finalmente, a terceira espécie de trabalho imaterial envolve a produção e a manipulação de afetos e requer contato humano (virtual ou real), bem como trabalho do tipo físico. Esses são os três tipos de trabalho que impulsionam a pós-modernização da economia global. (LAZZARATO e NEGRI, 2003, p. 314).

O trabalho imaterial é assim, como o entendemos, o ponto de partida para a noção de capitalismo cognitivo. Em tal capitalismo, na

visão destes teóricos, o conhecimento ocupa o papel de principal força produtiva, o que significa lidarmos com uma concepção de sociedade que não adota mais a teoria marxiana do valor-trabalho como núcleo central para a compreensão e crítica da produção capitalista. Sumariamente falando, não seria mais possível falarmos em teoria do valor-trabalho. A grande modificação processada na economia do conhecimento está no fato de que o tempo de trabalho, aspecto fundamental do valor na visão marxiana, teria perdido o seu papel central, fazendo com que a produção da riqueza capitalista chegasse a um novo momento.

Na visão de Gorz, por exemplo, é a partir do próprio pensamento marxiano, muito especialmente de significativas passagens dos *Grundrisse* (MARX, 1989) que desponta a problematização quanto ao tempo de trabalho e cria a antessala para pensarmos o imaterial. Mas, como Marx aponta claramente, por exemplo, no volume I do *Capital*, o que constitui o valor – enquanto forma específica de riqueza – é o tempo de trabalho humano empregado na produção de mercadorias. Por um lado, é o tempo de trabalho que mensura o valor das mercadorias, fundamento do trabalho abstrato, e que torna possível a formação de mais-valia. Por outro lado, em uma sociedade pós-fordista, dominada pelo trabalho imaterial, não haveria mais como mensurar a produtividade do trabalho. O conhecimento e o saber, enquanto algo imaterial e imensurável passa ao papel de protagonista da nova produtividade (GORZ, 2005).

### **Trabalho imaterial, modernidade e capitalismo**

Habermas (1975; 1987) constitui uma concepção de capitalismo mediante a distinção entre formas de racionalidade, entre sistema e mundo da vida, também André Gorz pensa a sociedade mediante esta lógica bidimensional. A similaridade dele com Habermas é explícita quanto à abordagem do papel da racionalidade na constituição da sociedade moderna: simplificada, para Habermas a modernidade se constitui por um lado pela racionalidade instrumental (ou, pelas ações instrumentais e estratégicas) a que corresponde o trabalho social, e de outro, a ação comunicativa, responsável pelos processos de interação social por meio da linguagem, onde se vislumbra a existência de ações e formas de pensamento autônomos e potencialmente emancipatórios.

Para Gorz, da mesma forma, o trabalho em sentido moderno, ao ser sempre portador de uma finalidade econômica, por um lado está logicamente indissociado de uma racionalidade própria que conduz, inevitavelmente, os seres humanos para situações de heteronomia. Mas, por outro lado, a própria sociedade moderna possibilita pensar-

mos a existência de algumas formas de trabalho sem finalidade econômica, e principalmente, o tempo de não trabalho como aquele no qual residem formas de sociabilidade (lazer, arte, criação, etc.) que trazem a potencialidade do pensamento autônomo e de uma vida dotada de sentido. Ambos os teóricos se afastam de uma apreensão da sociedade recorrente, por exemplo, à categoria de totalidade em sentido lukácsiano, entendendo a sociedade moderna como constituída por esferas distintas, sendo que uma delas, a do trabalho e da produção, perdeu completamente o seu potencial emancipatório.

A tese de Gorz (2003; 2004) é de que a emancipação humana não mais se dará *no trabalho*, mas é uma emancipação *do trabalho*. A busca da autonomia, o grande legado da modernidade, deve ser procurada nas formas de atividade humana de não trabalho, ou nas formas de trabalho não pautadas pela racionalidade econômica. As obras de Gorz em que tal ideia é clara foram escritas entre as décadas de 1980 e 1990, como *Metamorfoses do Trabalho* [1988 (2003)] e *Misérias do Presente, Riqueza do Possível* [1997 (2004)] sendo que *O Imaterial* foi sua última obra publicada em vida. Embora o trabalho imaterial continue a ser trabalho, entre as duas primeiras obras mencionadas e a última há um nexo de coerência, na medida em que para Gorz o trabalho imaterial possui características específicas que o separam da mera identificação ao trabalho em sentido moderno, heterônomo.

Na economia do imaterial o saber tornado força produtiva principal manifesta-se como algo que não pode ser mensurado e, mais do que isso, ele é apreensível na dimensão da vida cotidiana, nas horas diárias de não trabalho, no tempo livre, tornando-se este produtor de valor-conhecimento. Deste modo, o trabalho imaterial se constitui, na visão gorziana, como algo distinto do trabalho abstrato ou do trabalho em sentido moderno; trata-se de uma atividade que tem no conhecimento, e não no dispêndio humano de força de trabalho o seu aspecto mais importante.

Em *O Imaterial* André Gorz é ainda mais preciso quanto à centralidade do conhecimento, quando faz a distinção entre conhecimento e saber. Conhecimento pode se referir àquilo que é formalizado, como é o caso do conhecimento técnico-científico, que historicamente foi aspecto fundamental de valorização do capital. Diferente dele é o saber, que corresponde aos aprendizados cotidianos, às experiências externas ao tempo e ao espaço de trabalho, sendo este saber o que vem a constituir o valor-conhecimento, nova base de produção da riqueza capitalista. O conhecimento que caracteriza a economia do imaterial é assim, conforme

o entende Gorz, aquele que está associado ao saber, e cuja possibilidade de mensuração e apropriação privada é bem mais difícil:

O saber é, antes de tudo, uma capacidade prática, uma competência que não implica necessariamente conhecimentos formalizáveis, codificáveis. A maior parte dos saberes corporais escapa à possibilidade de uma formalização. Eles não são ensinados; aprendem-se-nos pela prática, pelo costume, ou seja, quando alguém se exercita aquilo que se trata de aprender a fazer. Sua transmissão consiste em apelar à capacidade do sujeito se produzir a si próprio (GORZ, 2005, p. 32).

Desde sua mais famosa obra que é *Adeus ao Proletariado*, Gorz [1987 (1980)] tenta mostrar que as interpretações do pensamento marxiano baseadas em uma leitura exclusivamente ontológica não dão conta da necessidade de uma rigorosa apreensão da categoria trabalho, que deve ser antes analítica, isto é, analisar o papel do trabalho nos marcos específicos de sua constituição na modernidade, o que nos conduz a perceber a sua inseparabilidade de uma determinada forma de racionalidade que inevitavelmente o acompanha. O declínio do trabalho assalariado, o aumento do desemprego e o crescimento vertiginoso dos serviços, são apenas o *back-ground* de um processo histórico em que o trabalho industrial está sendo substituído por novas formas de trabalho que são ao mesmo tempo sinal de seu esgotamento, pois o avanço tecnológico nos conduz crescentemente para uma alteração daquele modelo de capitalismo que embasou as reflexões de Marx no século XIX.

O fato é que para Gorz o capitalismo cognitivo é a superação do capitalismo industrial e representa ao mesmo tempo a crise do capitalismo. Em seu entendimento, o saber não pode ser apreendido como uma mercadoria como outra qualquer, pois por suas características específicas resiste a ser tratado enquanto propriedade privada. O saber pode ser transmissível e partilhado indefinidamente, e por sua natureza, deve ser tratado como um bem coletivo, e também como resultado de um trabalho coletivo. No capitalismo cognitivo o capital tenta apropriar-se privadamente deste saber o transformando em capital cultural ou humano, mas ao mesmo tempo percebem-se movimentos, como o do *software* livre, que indicam as dificuldades de um capitalismo que tem o conhecimento como o seu valor principal.

Entendemos que Negri, Hardt e Lazzarato defendem posições muito próximas quanto ao conceito do imaterial, enquanto que as similaridades entre estes e Gorz se esgotam diante de uma série de



posições diferenciadas, tanto no aspecto político como epistemológico. Embora todos eles adotem os *Grundrisse* de Marx como ponto de partida, e atribuam uma grande importância para a noção marxiana de *general intellect*, os autores de *Multitudes* possuem uma forte influência do pós-estruturalismo francês, refletindo sobre o mundo contemporâneo em um forte sentido biopolítico, que busca em Foucault e Deleuze importantes pontos de referência. Além disso, o trabalho, principalmente para Negri, continua a ter um forte componente ontológico, isto é, a centralidade do trabalho imaterial não desqualifica a esfera do trabalho como espaço possível de emancipação, mas se incorpora ao que ele e Hardt chamam de poder constituinte. Tal poder derivaria, embora não apenas, da associação daqueles que lidam com o trabalho imaterial e vem a constituir a *multidão*, vista assim como uma espécie de novo sujeito, portador de uma potência capacitada a se opor ao poder constituído (NEGRI e HARDT, 2003; NEGRI, 2002; 2005).

Já a visão de André Gorz está ancorada em referências epistemológicas bastante distintas. Sua compreensão do trabalho é devedora em grande medida de Weber e da fenomenologia, principalmente na variável do existencialismo de Sartre (CAMARGO, 2006b). Esta diferença de origem epistemológica resulta igualmente em diferenças políticas frente aos autores de *Império*. Embora o chamado *general intellect* seja a base para pensar-se em um saber que se opõe à lógica do capital, será apenas com a redução do tempo de trabalho e com a formação de uma renda de existência universal, que a sociedade formará a base para libertar-se do trabalho, alargando o tempo de formação de saberes não apropriáveis pelos interesses do capital. É por isso que o trabalho imaterial é também a crise do capitalismo.

Ao contrário daqueles autores para os quais a noção de trabalho imaterial é pouco relevante sociologicamente (LESSA, 2005), o nosso entendimento é de que o imaterial é um dos aspectos fundamentais do capitalismo em sua fase atual. Ele se constitui, tendencialmente, não apenas como o novo pilar de sustentação da acumulação de riqueza capitalista<sup>7</sup>, como representa, quanto às suas consequências, um novo estágio nos processos de dominação engendrados pela moderni-

---

<sup>7</sup> André Gorz (2005) e Moishe Postone (2003) são enfáticos quanto à distinção entre produção de valor e produção de riqueza, ambos apontando para o *Grundrisse* de Marx como ponto de referência. Em breves palavras: a riqueza de uma sociedade diz respeito à quantidade de produtos produzidos e que decorre de fatores diversos como conhecimento, organização social, condições naturais, etc., enquanto que o “valor” é uma forma específica de riqueza, surgida com o capitalismo moderno, e que tem seu núcleo no trabalho abstrato, no tempo de trabalho. A possibilidade de esgotamento da riqueza na forma do valor aparece em Marx (1989: 705). Ver também: (CAMARGO, 2011; MÉDA, 1999).

dade. Embora a definição de imaterial não seja muito clara entre os seus teóricos, nas palavras deles afirma-se que:

De um modo preliminar, podemos definir trabalho imaterial como a atividade que produz o conteúdo cultural e informativo da mercadoria e de seu ciclo de produção. O trabalho imaterial constitui a atividade de uma força de trabalho que obriga a questionar as definições clássicas de trabalho e de força de trabalho, porque a qualificação do produtor de trabalho imaterial resulta de uma síntese de tipos de saber-fazer [...] (CORSANI, LAZZARATO e NEGRI, 1996, p. 29).

Antonio Negri pode ser visto como um dos principais pensadores na teoria social recente a se ocupar do significado do trabalho imaterial e de seu estatuto na configuração das sociedades ocidentais neste início de século XXI. Assim como Gorz, ele pretende compreender o atual estágio do capitalismo a partir da categoria do trabalho imaterial mediante uma releitura dos *Grundrisse*. Embora tenha dedicado um livro inteiro a esta obra de Marx (NEGRI, 1984), suas tentativas de sistematização quanto ao significado do imaterial nem sempre são muito claras. As teses desenvolvidas por Lazzarato e Negri (2001) no conjunto de ensaios acima mencionado são, quando se trata do imaterial, as mesmas desenvolvidas por Negri e Hardt em *Império* ou o *Trabalho de Dionísio*, sendo que nestes últimos, porém, também se apresentará com maior clareza a leitura que fazem estes autores acerca da relação entre capitalismo cognitivo e neoliberalismo. Ganha destaque, nestas obras, as noções de biopoder (FOUCAULT, 2004) e *multidão*, para eles conceitos correlatos ao de imaterial (HARDT e NEGRI, 2003).

O biopoder diz respeito a uma visão que se consolida nos últimos escritos de Foucault, que apontam a passagem das sociedades disciplinares para as sociedades de controle. Nestas, a que corresponde o capitalismo principalmente na segunda metade do século XX, o poder passa a se referir à própria vida humana como um todo. Nesse sentido o trabalho imaterial, ao se constituir amplamente no tempo de vida, na temporalidade de não trabalho, está também sujeito a um poder cuja substância não mais se associa ao tempo de trabalho, mas ao conjunto da vida dos indivíduos. Ao mesmo tempo, o trabalho imaterial surge em um contexto em que as potências produtivas, são também potências constituintes do futuro emancipado, onde o papel antes atribuído às classes, ou ao proletariado como sujeito da história, é agora direcionado à *multidão*, a uma multiplicidade de subjetividades, cujo ambiente de formação e cooperação é o mesmo do trabalho imaterial.

Na obra de Negri também é enfática a posição de que a produção industrial transformou-se em pós-industrial, em um regime pós-fordista, onde a prestação de serviços, as relações de trabalho, a subjetividade humana e as próprias relações humanas como um todo estão no presente momento assentadas primeiramente em processos comunicacionais, sendo esta a nova base da riqueza social. Mas, a maneira como o autor algumas vezes define o imaterial permite confusões quando parece apenas identificar este com serviços, o mesmo tipo de mal entendido que muitas vezes ocorreu em interpretações sobre a sociedade pós-industrial de Daniel Bell. Conforme Hardt e Negri:

Como a produção de serviços não resulta em bem material e durável, definimos o trabalho envolvido nessa produção como trabalho imaterial – ou seja, trabalho que produz um bem imaterial, como serviço, produto cultural, conhecimento ou comunicação (HARDT e NEGRI, 2003, p. 311).

Se tomarmos a frase acima como uma das definições propostas por Negri, o imaterial apresenta-se como passível de quatro sentidos distintos: serviço; produto cultural; conhecimento; informação. Dentre esses quatro sentidos aquele que se mostra menos claro nos escritos do autor é o “cultural”. E no plano teórico, um dos desafios que se apresenta é o de justamente compreender em que medida trabalho imaterial identifica-se com serviços. Negri procura utilizar-se de Marx para validar a sua tese de esgotamento do trabalho material. A questão dos serviços como expressão de trabalho imaterial é algo complexo, pois podemos supor, conforme o entendemos, que nem todo tipo de serviço se expressa como trabalho imaterial, algo igualmente não suficientemente esclarecido pelo autor<sup>8</sup>. Ao mesmo tempo, parece pertinente pensarmos sobre o papel dos serviços no conjunto da produção capitalista.

Para além do fato de que para Negri e Lazzarato vivamos hoje em um novo modo de produção, a categoria serviços se apresenta como central em sua argumentação sobre o imaterial. Uma das críticas habituais aos autores está no fato de que invocam a origem marxiana de seus conceitos, mas ao mesmo tempo não esclarecem suficientemen-

---

<sup>8</sup> O conceito de imaterial, conforme o entendemos, e que não compartilhamos necessariamente com as definições de Negri, entende que o trabalho imaterial se refere ao conteúdo informacional e cultural das mercadorias, cujo *locus* é o saber. O imaterial diz respeito a processos de comunicação, cooperação e criatividade. Desse modo, arriscaríamos dizer que o trabalho do borracheiro, da manicure, da passageira, mesmo enquanto serviço, não se enquadra nesta definição. Já o trabalho do tele-vendedor, do designer, do artista, do professor, etc., é imaterial. O critério de distinção está no tipo de atividade que atribui valor efetivo, qualitativo, à mercadoria, mas como esta, só pode se definir levando-se em conta seu momento de abstração.

te distinções importantes apontadas por Marx (1985 b), como aquela entre trabalho produtivo e improdutivo (LESSA, 2005; PRADO, 2005; AMORIM, 2009).

Para Negri, na atual fase do capitalismo, as mudanças que constatamos se referem primeiramente ao próprio conceito de força de trabalho e seu papel no processo produtivo. Assim como na visão de Gorz, estaríamos diante de uma situação em que a apropriação do tempo de trabalho alheio já não se encontra mais na base de sustentação da riqueza capitalista. É possível afirmarmos que sua concepção também possui similaridades com aquela de Habermas sobre a ciência e a técnica como principais forças produtivas. Mas para Negri a comunicação parece não apontar para o mesmo estatuto conceitual habermasiano, ao mesmo tempo em que a intersubjetividade não aparece claramente como um novo modelo epistemológico. Ao contrário de Gorz e Habermas o conceito de racionalidade não é fundamental para Negri, assim como não é cabível a ideia de um mundo da vida [*Lebenswelt*] composto de ações comunicativas.

Tomando como apoio Deleuze e Foucault, Negri e Lazzarato teorizam o imaterial e a mutação das forças produtivas como algo que se refere a um novo tipo de subjetividade. Para eles, diferente da teoria crítica habermasiana ou do viés fenomenológico gorziano, é através da reflexão foucaultiana sobre a biopolítica, o que sustenta a possibilidade de falar-se desta subjetividade. Não se trata mais daquilo que Foucault chamou sociedade disciplinar (CAMARGO, 2006 a), e sim uma teoria sobre a sociedade de controle (DELEUZE, 1992), sendo este o ponto de inflexão para compreenderem a relação entre capitalismo cognitivo e trabalho imaterial, enquanto algo que diz respeito ao conceito de biopoder (HARDT e NEGRI, 2003, p. 43). Para estes, mas neste caso também para Gorz, a subjetividade na forma de *intelectualidade de massa* passa a ser tanto base de produtividade capitalista, como potencialidade emancipatória, restando entre eles diferenças consideráveis quanto à esfera da normatividade política.

Para Lazzarato e Negri (2001), a produção fabril ocorre hoje em modelos pós-fordistas,<sup>9</sup> de forma mais descentralizada, onde os diversos estágios da produção ocorrem não mais em um único espaço físico, que caracterizava a grande indústria no fordismo, mas há um amplo processo de terceirização dos diversos estágios produtivos, isto é,

---

<sup>9</sup> Quanto ao conceito de pós-fordismo inúmeros autores o abordam, como: Antunes (2001); Corsani, Lazzarato e Negri (1996); Kumar (1997); Bidet et Texier (1995); Cocco (2000); Bologna (1996).

para a produção de um bem ou de uma mercadoria, as indústrias se servem de inúmeras outras empresas que prestam um serviço àquelas, reduzindo ao mínimo necessário as atividades situadas em seu próprio espaço físico de produção. Deste modo, o capitalismo cognitivo significa modificações tanto temporais<sup>10</sup> como relativas a uma nova espacialidade que abarca diversos aspectos da sociabilidade humana.

Para que as mercadorias se mostrem como resultado do processo produtivo, torna-se também central o papel da informação e da cooperação no trabalho. O trabalhador já não pode mais executar mecanicamente e isoladamente suas tarefas, mas deve lidar com uma multiplicidade de funções que passam a exigir criatividade, iniciativa, conhecimentos diferenciados, capacidade de comunicação e cooperação (LAZZARATO, 1996, p. 133). O conjunto de tais características pertinentes ao processo produtivo, e que para eles dizem respeito a uma maior qualificação intelectual do trabalhador, se assemelha às aquelas caracterizações feitas por Marx nos *Grundrisse* chamadas de *general intellect*. Tais qualificações é que possibilitam, na visão de Lazzarato, Negri e Hardt, concebermos que ao advento do trabalho imaterial corresponde à formação de uma intelectualidade de massa, que seria por sua vez também o ponto de partida para pensarmos tanto a dominação como a emancipação humana (NEGRI e HARDT, 2004).

Outra característica, também enfatizada em outras obras (MOULIER-BOUTANG, 2007; LAZZARATO, 1996; CORSANI; LAZZARATO e NEGRI, 1996) se refere a uma quantidade crescente de indústrias que reduz seus estoques a um padrão mínimo, invertendo a lógica produtiva; primeiro é realizada a venda da mercadoria, e só depois desta determinação do consumo é efetivada a sua produção material. Além disso, contrariamente à produção fordista, não se verificaria mais uma completa padronização dos bens de consumo, mas estes passam a depender diretamente dos interesses variáveis e fragmentários ditados pelo consumidor. Hardt e Negri (2003) se apoiam, deste modo, no próprio toyotismo para desenvolverem sua concepção acerca da relação entre produção e consumo.

Podemos objetar a estes autores, entretanto, que o fato de que hoje uma quantidade crescente de empresas produzam de um modo diferente daquele que ocorria no fordismo, é diferente de dizermos, como parecem

---

<sup>10</sup> Aqui, reafirmamos a tese de que não é mais o "tempo de trabalho" o aspecto fundamental de constituição da riqueza capitalista na forma valor. Não só a tecnociência, as informações e comunicações da sociedade em rede geram uma nova vivência do tempo, mas fundamentalmente, no capitalismo cognitivo, é no "tempo de não trabalho" que se constituem os conhecimentos que geram a nova forma de riqueza capitalista.

sugerir em alguns momentos Hardt e Negri, que hoje o processo produtivo capitalista adotaria uma primazia à esfera do consumo:<sup>11</sup>

[...] As fábricas mantêm estoque zero, e as mercadorias são produzidas na medida exata, de acordo com a demanda atual dos mercados existentes. Este modelo envolve, portanto, não apenas um *feedback* mais rápido, mas também uma inversão da relação, porque, pelo menos em tese, a decisão da produção vem, de fato, depois da decisão do mercado, como reação a ela. Nos casos extremos, a mercadoria só é produzida depois que o consumidor a escolheu e pagou por ela (HARDT e NEGRI, 2003, p. 311).

Neste caso não estaríamos mais falando de Marx e do modo de produção capitalista como Marx o compreende, visto que para este, produção, distribuição e consumo, se constituíam em momentos de um mesmo processo, cuja totalidade era alcançada com o próprio conceito de capitalismo:

As “leis e condições” de produção da riqueza e as leis de “distribuição da riqueza” são as mesmas leis sob formas diferentes, e ambas mudam, passam pelo mesmo processo histórico; são como tais apenas momentos de um processo histórico (MARX, 1989, p. 832).

É preciso lembrar, além disso, que tanto Gorz como os autores da revista *Multitudes*, concebem o capitalismo a partir de modelos epistemológicos distantes da dialética marxiana, conforme eles próprios deixam claro, de tal modo que instrumentos teóricos mobilizados por Marx, ou por marxistas como Lukács, como a categoria de totalidade, não são utilizados em suas formas de apreensão do modo de produção capitalista.

## Considerações finais

Para os pensadores do capitalismo cognitivo este privilégio da esfera do consumo torna necessária uma mobilização das empresas quanto à apreensão e formação do gosto dos consumidores com a maior rapidez possível. O gosto, evidentemente, nos conduz ao problema das relações entre estética e capitalismo, tal como já havia sido colocado por pensado-

---

<sup>11</sup> Embora Hardt e Negri não deem continuidade com clareza ao argumento, cabe lembrarmos que tal é nítido em um autor como Jean Baudrillard, autor da tese acerca da sociedade de consumo; ver: BAUDRILLARD (1975; 1996).

res como Fredric Jameson (1997). Na concepção de pós-modernidade deste, a lógica cultural do capitalismo tardio se manifesta na evidência de que a imagem adquire um papel preponderante na atual etapa do capitalismo, passando a existir uma completa inseparabilidade entre a dimensão estética e a econômica no estágio de capitalismo globalizado (JAMESON, 2001). Em inúmeros aspectos as teses do trabalho imaterial se identificam com a leitura jamesoniana da pós-modernidade, embora Jameson em nenhum momento faça abordagens teóricas explícitas acerca da categoria trabalho (CAMARGO, 2011).

A influência de Deleuze e do pós-estruturalismo se mostra fortemente em Negri também no sentido de que do filósofo francês se desdobra igualmente a concepção, neo-nietzschiana, do desejo como algo produtivo. Mas o gosto e sua apreensão como aspectos propriamente culturais da sociedade, que dizem respeito a uma possível estetização do econômico, aparecem apenas marginalmente para os autores de *Império*. Já as atividades de trabalho pautadas pela imprescindibilidade da informação aparecem como elemento central na obtenção do lucro, pois de tais informações dependerá todo o circuito produtivo. Tais atividades são essencialmente imateriais e exigem uma quantidade crescente de trabalhadores habilitados para atividades intelectuais. Ao nos referirmos a tais atividades, nos aproximamos de uma delimitação mais clara sobre o que é o imaterial: este se refere às *atividades* empreendidas pelos trabalhadores (ou não trabalhadores), e *não necessariamente às qualidades materiais ou imateriais das mercadorias*.

Mas, a imaterialidade do trabalho também se apresenta na própria formação daquele “gosto do consumidor”, pois é através do marketing, da publicidade e da eficácia no uso da mídia que se estabelecem os fundamentos do processo produtivo. Tendências relativas a costumes e comportamentos tornam-se pré-requisitos culturais e subjetivos para a produção. Tanto a produção como o consumo se encontram deste modo subsumidos no imaterial. A relação entre trabalho imaterial e capitalismo cognitivo não pode mais ser apreensível apenas nos marcos de uma sociologia do trabalho, pois este, ao se fundir com os aspectos culturais da sociedade, torna a própria questão estética como algo que foi levado ao centro do novo estágio do capitalismo. É quanto a este ponto, conforme nosso entendimento, que tanto Antonio Negri quanto André Gorz, os principais teóricos do imaterial, deixam em aberto um caminho de investigação ainda a ser percorrido.

Não resta dúvida que as questões que envolvem o chamado capitalismo cognitivo trazem ao centro do cenário da teoria social contemporânea a necessidade de compreensão de uma nova subjetividade que está se

formando como base de sustentação do capitalismo avançado. As questões que envolvem a sociedade em rede, o uso da internet na produção e nas formas de sociabilidade, se referem igualmente a uma modificação nas formas de apreensão da subjetividade moderna. O problema da dominação e da emancipação humana precisam ser recolocados, a partir de algumas evidências apontadas pelos teóricos do capitalismo cognitivo quanto ao fato de que a subjetividade está se tornando diretamente produtiva.

Nesse sentido, voltamos ao núcleo dos argumentos de Gorz. Se o tempo de vida, o tempo também de não trabalho, se transformou em potencialidade produtiva, onde encontramos a possibilidade de uma subjetividade autônoma? Por um lado, partindo do que expusemos acima, somos conduzidos a concluir que ao falarmos de subjetividade produtiva estamos falando de uma determinada forma de poder e dominação que acompanha o advento do imaterial. Por outro lado, qualquer ideia de emancipação, para os principais teóricos do imaterial, desloca-se da análise quanto à objetividade histórica do avanço das forças produtivas para a apreensão, de certo modo otimista, de que tal avanço é concomitante ao surgimento de uma intelectualidade de massa que é potencialmente emancipatória. Se a nova subjetividade é também expressão do general intellect marxiano podemos afirmar o seu caráter de resistência aos mecanismos de apropriação privada por parte do capital.

Entendemos, entretanto, que as questões que foram aqui suscitadas acerca de uma nova subjetividade também poderiam ser compreendidas a partir de outros parâmetros de crítica, diferentes do modelo proposto pelos teóricos do capitalismo cognitivo. Ao contrário dos marxistas tradicionais, entendemos que os argumentos mobilizados pelos autores aqui abordados são bastante sólidos no sentido de apontar, por um lado, que vivenciamos uma etapa de transição na história do capitalismo onde o trabalho imaterial possui um papel central, indicando uma metamorfose histórica nas formas de produção da riqueza. Por outro lado, o otimismo histórico subjacente aos seus argumentos centrais encontra limites, quando estabelecemos a reflexão sobre a distinção entre saber e cultura, e apreendemos o modo pelo qual esta, em sua expressão pós-moderna, não tem eliminado os processos de reificação que consolidaram o capitalismo moderno (CAMARGO, 2010 b).

Embora a noção de trabalho imaterial se associe ao conceito de capitalismo cognitivo, entendemos que a sua centralidade para a compreensão do presente possa ser incorporada pela tradição da Teoria Crítica quando consideramos a possibilidade de nos referirmos ao *capitalismo tardio*, isto é, a um conceito que se mantém dentro do modelo dialético e que continua a operar com a categoria de totalida-



de. Aquilo que Gorz e Negri chamam de saber, e que permite atribuir elementos utópicos inerentes ao próprio advento do imaterial, representa, ao mesmo tempo, uma nova configuração das relações sociais de dominação que iniciaram com a modernidade e assumem novos formatos no contexto histórico deste início de sec. XXI.

## Referências

- AMORIM, Henrique. **Trabalho Imaterial – Marx e o debate contemporâneo**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009.
- ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2001.
- AZAÏS, Christian ; CORSANI, Antonella; DIEUAIDE, Patrick (Eds.). **Vers Un Capitalisme Cognitif**. Paris: L. Harmattan, 2001.
- BAUDRILLARD, Jean. **The Mirror of Production**. St. Louis: Telos Press, 1975.
- \_\_\_\_\_. **A Troca Simbólica e a Morte**. São Paulo: Loyola, 1996.
- BELL, Daniel. **The Coming of Post-Industrial Society**. New York: Basic Books, 1999.
- BIDET, Jaques et TEXIER, Jacques (Eds). **La crise du travail**. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.
- BOLOGNA, Sergio. Durée du travail et post-fordisme. **Multitudes**. Setembro, 1996. Disponível em: <http://multitudes.samizdat.net/>. Acessado em: 15/5/2007.
- CAMARGO, Sílvio. **Modernidade e Dominação: Theodor Adorno e a Teoria Social Contemporânea**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2006 a.
- \_\_\_\_\_. Capitalismo e Utopia na Teoria Social de André Gorz. In: SILVA, Josué Pereira da e RODRIGUES Iram Jácome (Orgs.). **André Gorz e seus críticos**. São Paulo: Annablume, p. 167-182, 2006 b.
- \_\_\_\_\_. Experiência social e crítica em André Gorz e Axel Honneth. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 25, p. 107-120, 2010 a.
- \_\_\_\_\_. Trabalho Imaterial, cultura e dominação. **Liinc em Revista**, vol. 6, n. 1, p. 6-21, 2010 b.
- \_\_\_\_\_. **Trabalho Imaterial e Produção Cultural: a dialética do capitalismo tardio**. São Paulo: Annablume, 2011.

- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede. A era da informação**. Vol I. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- COCCO, Giuseppe. **Trabalho e Cidadania**. São Paulo: Cortez, 2000.
- CORSANI, A; LAZZARATO, M; NEGRI, A. **Le Bassin de travail immatériel (BTI) dans la Métropole Parisienne**. Paris: L'Harmattan, 1996.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações 1972-1990**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **Naissance de la biopolitique**. Paris: Col . Hautes Etudes: Seuil/Gallimard: 2004.
- GORZ, André. **Metamorfoses do Trabalho**. São Paulo: Annablume, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Adeus ao Proletariado**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- \_\_\_\_\_. **O Imaterial**. São Paulo: Annablume, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Paths to Paradise**. Boston: South and Press, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Misérias do Presente, Riqueza do Possível**. São Paulo: Annablume, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Économie de la connaissance, exploitation des savoirs (Entretien)*. Réalisé par Yann Moulier-Boutang et Carlo Vercellone. **Multitudes** 15; juin 2004(b).
- HABERMAS, Jürgen. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. Lisboa: Dom Quixote, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Legitimation crisis**. Boston: Beacon Press, 1975.
- \_\_\_\_\_. **Teoría de La Acción Comunicativa**. Tomo I - "Racionalidad de la acción y racionalización social". Taurus: Madrid, 1987 a.
- \_\_\_\_\_. **Teoría de La Acción Comunicativa**. Tomo II - "Crítica de la razón funcionalista". Taurus: Madrid, 1987 b.
- HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna. Uma Pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1993.
- JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo. A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio**. São Paulo: Ática, 1997.
- \_\_\_\_\_. **The Cultural Turn - Selected Writings on the Postmodern: 1983-1998**. New York: Verso, 2001.
- KUMAR, Krishan. **Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LAZZARATO, Maurizio. Du pouvoir à la bioploitique. **Multitudes**, n. 1, p. 45-57, 2000.

\_\_\_\_\_. **As Revoluções do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

\_\_\_\_\_. Immaterial Labor. In: VIRNO, Paolo e HARDT, Michael (Orgs.). **Radical Thought in Italy**. Minneapolis: University of Minnesota Press: p. 133-150, 1996.

\_\_\_\_\_. e NEGRI, Antonio. **Trabalho Imaterial**. Rio de Janeiro: DP & A editora, 2001.

LESSA, Sergio. **Para Além de Marx? Crítica da teoria do trabalho imaterial**. São Paulo: Xamã, 2005.

LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva**. São Paulo: Loyola, 2007.

LUKÁCS, Georg. **Ontology of Social Being Labour**. London: Merlin Press, 1980.

LYOTARD, Jean-François. **O Pós-Moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

MARX, Karl. **O Capital. Vols. I e II (Livro Primeiro)**. São Paulo: Nova Cultural, 1985 a.

\_\_\_\_\_. **O Capital. Capítulo VI (Inédito)**. São Paulo: Moraes, 1985 b.

\_\_\_\_\_. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Hucitec, 1986.

\_\_\_\_\_. **Grundrisse: Foundations of the Critique of Political Economy**. Middlesex: Penguin Books, 1989.

MÉDA, Dominique. **Qu'est-ce que la richesse?** Paris: Aubier, 1999.

MÉSZÁROS, István. **A Teoria da Alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MOULIER-BOUTANG, Yann. A bioprodução. “O capitalismo cognitivo produz conhecimentos por meio de conhecimento e vida por meio de vida”. (Entrevista). **Revista IHU** - online, n. 216. Disponível em: [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=858&secao=216](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=858&secao=216). Acessado em 23/4/2007.

\_\_\_\_\_. **Le Capitalism Cognitif**. Paris: Éditions Amsterdam, 2007.

NEGRI, Antonio. **O Poder constituinte**. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

\_\_\_\_\_. **Marx beyond Marx. Lessons on the Grundrisse**. Massachusetts: Bergin e Garvey pub., 1984.

\_\_\_\_\_. *The Politics of Subversion: A Manifesto for the Twenty-first century*. Oxford: Polity Press, 1989.

\_\_\_\_\_. *A Constituição do Comum* (Conferência). Rio de Janeiro, 24/10/2005. Disponível em: <http://youtu.be/rGrubIVxzOE>.

\_\_\_\_\_. e HARDT, Michael. *O Trabalho de Dionísio*. Juiz de Fora: Pazulin, 2004.

OFFE, Claus. *Problemas Estruturais do Estado Capitalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

POSTONE, Moishe. Necessity, labor and time: a reinterpretation of the Marxian critique of capitalism. *Social Research*, n. 45, Winter, p. 739-788, 1978.

\_\_\_\_\_. *Time, Labor and Social Domination*. Londres: Cambridge University Press, 2003.

PRADO, Eleutério. *Desmedida do Valor – crítica da pós-grande indústria*. São Paulo: Xamã, 2005.

VERCELLONE, Carlo. Sens et enjeux de la transition vers le capitalisme cognitif: une mise en perspective historique. *Multitudes*. Octobre, 2004. Disponível em: <http://multitudes.semizdat.net>.

\_\_\_\_\_. From Formal Subsumption to General Intellect: Elements for a Marxist Reading of the Thesis of Cognitive Capitalism. *Historical Materialism*, v 15, n.1, p. 13-36, 2007.

Artigo recebido em dezembro/2010  
Aprovado em março/2011